

# Sementes de romã: as cidades árabes e islâmicas no ensino de História da Urbanização

Allan Pedro dos Santos Silva

Orientação: Profa. Dra. Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno

e Prof. Dr. Nestor Goulart Reis Filho

Pesquisa: PUB-USP e Trabalho de Conclusão, FAU-USP, 2022.

Este artigo busca identificar e analisar o lugar ocupado pelas cidades árabes e islâmicas nas disciplinas de Urbanização e Urbanismo do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), utilizando para isso das definições de orientalismo, de Edward Said, e fato histórico, de Antoine Prost. A pesquisa baseia-se sobretudo na análise das ementas e programas de disciplinas da FAU-USP em busca de menções a árabes e muçulmanos,

revisando criticamente os materiais bibliográficos mobilizados por docentes para discutir os processos de urbanização envolvendo esses povos. O estudo identifica períodos de exclusão (1952 a 2011) e de relativa marginalidade (2012 a 2022) de árabes e muçulmanos no ensino de História da Urbanização, apontando, ainda, para as limitações e potencialidades do uso de fontes secundárias para o estudo das cidades árabes e islâmicas no contexto da formação de arquitetas, arquitetos e urbanistas.

**Palavras-chave:** urbanização e urbanismo; orientalismo; ensino de arquitetura e urbanismo.

## Seeds of Pomegranate: Arab and Islamic Cities in the Teaching of Urbanization History

This article aims to identify and analyze the place occupied by Arab and Islamic cities in the disciplines of Urbanization and Urbanism in the undergraduate Architecture and Urbanism program at the Architecture and Urbanism School of the University of São Paulo (FAU-USP), based on the definitions of orientalism by Edward Said and historical fact by Antoine Prost. The research primarily relies on the analysis of syllabi and course outlines at FAU-USP, searching for references to Arabs and Muslims and seeking to critically review the bibliographic materials used by instructors to discuss the processes of urbanization involving these populations. The study identifies periods of exclusion (1952 to 2011) and relative marginalization (2012 to 2022) of Arabs and Muslims in the teaching of Urbanization History. It also points to the limitations and potentialities of using secondary sources to study Arab and Islamic cities in the context of the education of architects and urban planners.

**Keywords:** urbanization and urbanism; orientalism; teaching of architecture and urbanism.

## Semillas de Granada: Ciudades Árabes e Islâmicas en la Enseñanza de la Historia de la Urbanización

Este artículo tiene como objetivo identificar y analizar el lugar ocupado por las ciudades árabes e islâmicas en las disciplinas de Urbanización y Urbanismo en el programa de Arquitectura y Urbanismo de pregrado de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad de São Paulo (FAU-USP), basado en las definiciones de orientalismo de Edward Said y hecho histórico de Antoine Prost. La investigación se basa principalmente en el análisis de los planes de estudio y programas de asignaturas de la FAU-USP en busca de menciones a árabes y musulmanes, revisando críticamente los materiales bibliográficos mobilizados por los docentes para discutir los procesos de urbanización que involucran a estos pueblos. El estudio identifica períodos de exclusión (1952 a 2011) y de relativa marginalidad (2012 a 2022) de árabes y musulmanes en la enseñanza de la Historia de la Urbanización, señalando además las limitaciones y potencialidades del uso de fuentes secundarias para el estudio de las ciudades árabes e islâmicas en el contexto de la formación de arquitectas, arquitectos y urbanistas.

**Palabras clave:** urbanización y urbanismo; orientalismo; enseñanza de arquitectura y urbanismo.

## 1. FRUTO DO ORIENTE, IMAGEM DO OCIDENTE: E VICE-VERSA

Fernand Braudel foi uma das figuras centrais da historiografia no século xx, cujas obras tiveram enorme impacto sobre gerações de historiadores. Em "Civilização material, economia e capitalismo", o autor dedicou-se a pensar a relação entre cidades e civilizações, tomando como referência o caso do Islã:

Um outro traço comum a todas as cidades, e que todavia está na origem das suas profundas diferenças de fisionomia, é que são todas produtos das suas civilizações. Para cada uma delas, há um protótipo. [...] Não há dúvida de que há, através do Islame, de Gibraltar às ilhas de Sonda, um tipo de cidade islâmica e o exemplo, só por si, pode bastar-nos como imagem destas evidentes relações entre cidades e civilizações. (BRAUDEL, 1970, p.427)

A noção do autor de que a cidade é produto de sua civilização vem acompanhada da afirmação de que uma só cidade seria capaz de constituir uma imagem representativa de todas as outras inseridas na mesma civilização. Pensemos, pois: as cidades islâmicas, "de Gibraltar às Ilhas de Sonda", de fato poderiam ser representadas por um só caso? Seria a Medina Al-Salam do século x, sede do Califado Abássida, suficiente para pensarmos a cidade de Córdoba no mesmo período, sede do Califado Omíada? E a cidade do Cairo do século xv, seria representativa da Istambul do mesmo período?

Se incluirmos, ainda, a variável tempo, a hipótese defendida por Braudel esbarra em maior complexidade: qual seria a imagem comum que representaria simultaneamente, além das quatro cidades que já mencionamos, a Meca dos primeiros anos do Islã (século vii), a Goa tomada pelos portugueses na Índia (1510), a Isfahan do século xix, a Beirute de Samir Kassir (2003), a Cidade Linear do emir Mohammed bin Salman (2021), dentre tantas outras cidades que se acomodam com facilidade à designação de "cidade islâmica"?

Geralmente são enormes cidades, afastadas umas das outras. As casas baixas estão apertadas como [sementes

de romã]. O Islame proíbe (salvo exceções: em Meca, em Djeddah, seu porto, ou no Cairo) as casas altas, sinal de um orgulho odioso. Por não se poderem elevar, invadem as vias públicas que o direito muçulmano defende mal. As ruas são ruelas, dois burros com as suas albardas, obstruem-nas. (BRAUDEL, 1970, p.427)

Orientado por relatos de alguns poucos viajantes europeus que visitaram a Pérsia e a Turquia nos séculos xvii e xviii, Fernand Braudel (1970, p. 428) evoca a imagem da enorme cidade com seu casario apertado como sementes de romã, ruas estreitas, mal geridas pelo poder muçulmano e tomadas pela sujeira. Tais afirmações geram alguma inquietação quando observadas à luz das primeiras palavras do capítulo seguinte: "O Ocidente é uma espécie de luxo do mundo. As cidades foram elevadas a uma temperatura que não se encontra noutros lados. Fizeram a importância do estreito continente" (BRAUDEL, 1970, p.430).

O "estrito continente", também referido como "Ocidente", nada mais é do que a Europa, continente sobre o qual o autor se debruça nas páginas seguintes defendendo uma "originalidade" pautada na noção de liberdade. É digna de nota a flagrante inserção de um subcapítulo que caracteriza de maneira pejorativa as cidades islâmicas exatamente antes de uma exaltação da cidade europeia como lócus do luxo, da liberdade, do "signo da mudança [...], enquanto as outras cidades, comparativamente, não têm história, estão como que enterradas em longas imobilidades" (Braudel, 1970, p.430).

Edward Said, em seu clássico "Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente" (2007 [1978]) reúne elementos importantes que nos ajudam a pensar esta imagem da cidade islâmica construída por Braudel. O autor palestino define o termo "Orientalismo" como

um modo de abordar o Oriente que tem como fundamento o lugar especial do Oriente na experiência ocidental europeia. O Oriente não é apenas adjacente à Europa; é também lugar das maiores, mais ricas e mais antigas colônias europeias, a fonte de suas

civilizações e línguas, seu rival cultural e uma de suas imagens mais profundas e recorrentes do Outro. Além disso, o Oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente) com sua imagem, ideia, personalidade e experiência contrastantes. Mas nada nesse Oriente é meramente imaginativo. O Oriente é uma parte integrante da civilização e da cultura material europeia. (SAID, 2007 [1978], p.27-28)

Da descrição pejorativa sobre as cidades islâmicas à aparentemente inocente comparação do casario islâmico com sementes de romã, as palavras do historiador francês geram dúvidas. Em que medida seu texto era, de fato, a respeito de cidades islâmicas? Em outras palavras: poderia esta imagem construída por Braudel estar, na realidade, dirigida a construir um enredo que distinguisse as cidades europeias das demais? No limite, pode-se falar em orientalismo?

É difícil não enquadrar o texto de Braudel na definição de Said, e mais difícil ainda é mapear o alcance da imagem construída pelo historiador acerca das cidades islâmicas, tendo em vista as noções propostas por Antoine Prost em suas "Doze lições sobre a história" (2020 [1996]). Segundo ele, os fatos históricos não existem senão pelos olhos de um observador, decorrendo de perguntas, fontes e procedimentos críticos. Em outras palavras, os fatos históricos são fabricados:

Nesse aspecto, encontra-se, sem dúvida, a principal diferença entre o ensino e a pesquisa, entre a história que se expõe didaticamente e aquela que se elabora: no ensino, os fatos já estão prontos; na pesquisa, é necessário fabricá-los. (PROST, 2020 [1996], p.53)

Enquanto caberia à História (enquanto disciplina) fabricar os fatos, caberia ao ensino, nessa perspectiva, reproduzi-los tais como foram construídos.<sup>1</sup> Assim, na medida em que nos apropriamos de fatos fabricados através de produção historiográfica referencial (materializada sobretudo na bibliografia especializada), podemos incorrer na reprodução de fatos fabricados.

À luz dessas noções e diante da inquietude gerada pelo texto de Fernand Braudel, este artigo busca avaliar o alcance de fatos históricos sobre as cidades islâmicas, discutindo as imagens sobre esses artefatos que chegaram às salas de aula, e estender, ainda, nossa atenção às cidades árabes – visto que ambas são frequentemente mobilizadas conjuntamente, confundidas ou até mesmo (erroneamente) tomadas como sinônimos. Com a expectativa de que possa se somar a outros esforços que caminham no sentido de revisitar, de maneira crítica, os fatos históricos construídos e reproduzidos sobre árabes e muçulmanos, optamos por circunscrever nosso estudo a um contexto específico, buscando avaliar o lugar desses povos no ensino de História da Urbanização do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP).

## **2. O ENSINO DE HISTÓRIA DA URBANIZAÇÃO NA FAU-USP COMO CAMINHO**

Fundada em 1948 como a primeira escola de Arquitetura e Urbanismo do Brasil,<sup>2</sup> a FAUUSP acumulou larga experiência na formação de profissionais dedicados à reflexão e produção do espaço habitado em suas múltiplas escalas, do objeto ao território. Mais do que isso, colocou o Urbanismo como um dos eixos centrais de sua atuação, para além do então mais difundido campo da Arquitetura.

Nesse contexto, vale ressaltar a contribuição de Nestor Goulart Reis Filho, um professor comprometido com o tema, que desde meados da década de 1950 trabalhou ativamente para a constituição de um campo disciplinar, o dos Estudos da Urbanização, trazendo para os estudos urbanos um novo olhar sobre seu objeto, isto é, um novo método de se pensar as cidades. Arquiteto e Urbanista pela FAUUSP e Cientista Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da mesma universidade, Reis Filho convoca ao encontro de seus estudos

instrumentos variados de análise da cultura material, sedimentando-os enquanto metodologia em sua tese de livre-docência "Evolução Urbana do Brasil 1500-1720" (2001 [1964]). Ancorado no conceito de urbanização, o professor persegue a compreensão do urbano como processo social, estando diretamente ligado ao tempo (e não só ao espaço), somando-se ainda a ideia de sistema (REIS, 2001 [1964], p.200-201).

Lançando luz sobre a urbanização do Brasil e sedimentando as bases dos estudos científicos acerca da matéria em nosso país, as atividades de pesquisa da Urbanização logo transbordaram para o ensino de graduação, por meio da cátedra de História da Arquitetura Contemporânea e Evolução Urbana, criada pelo docente no fim dos anos 1960 (REIS FILHO, 1999, p.33) e que posteriormente deu origem à sequência de disciplinas de Urbanização e Urbanismo<sup>3</sup> da FAU-USP.

Não cabe aqui fazer uma descrição da história do Grupo de Disciplinas de Urbanização e Urbanismo (GDUU), apenas notar que dessa experiência de décadas passaram pelas salas de aula da FAUUSP cerca de trinta docentes lecionando Urbanização e Urbanismo, que atuaram, cada qual à sua maneira, nas sucessivas transformações pelas quais o grupo passou, desde a extinção das cátedras pela USP até a revisão das ementas disciplinares implementada em 2017 – na qual se adotou a terminologia "História da Urbanização e do Urbanismo" para designar as disciplinas obrigatórias, em substituição à denominação antiga, "Estudos da Urbanização". A diversidade, a longevidade e o pioneirismo do GDUU são qualidades que interessam a este estudo, colocando o grupo como um universo potente para emprendermos o estudo de caso proposto.

### **3. UMA BUSCA POR ÁRABES E MUÇULMANOS NAS EMENTAS DE HISTÓRIA DA URBANIZAÇÃO**

As ementas e programas de disciplinas do GDUU<sup>4</sup> oferecem elementos importantes para pensarmos o problema, tanto pela extensão da série documental quanto pelos registros

que guardam do cotidiano da FAUUSP, e especificamente, do referido grupo.<sup>5</sup>

No arco temporal registrado pelos 284 documentos, de 1952 a 2022, foram 71 anos de oferecimento de disciplinas da área de Urbanização e Urbanismo, incluído nesse recorte o período anterior à conformação do grupo, no qual havia o oferecimento de cadeiras como a de Urbanismo ou Evolução Urbana. Nestes documentos são registrados dados como: objetivos e conteúdo programático dos cursos, ano de oferecimento, docentes alocados, temas das aulas, bibliografia e materiais didáticos utilizados, entre outras informações. Do lastreamento documental em busca da menção a árabes e muçulmanos pudemos delinear dois períodos: o de completa ausência desses temas nas ementas e programas de disciplinas, datado entre 1952 e 2011; e o de uma tímida inclusão, em disciplinas e aulas específicas, entre 2012 e 2022.

#### **3.1 O LONGO SILÊNCIO (1952-2011)**

Não pudemos identificar nos sessenta anos de conjunto documental mobilizado qualquer contato de estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP com o estudo da urbanização ou do Urbanismo árabes ou islâmicos. Estamos falando de gerações de egressos que podem ter passado pela escola sem nunca ter tido uma aula sequer sobre o tema. Em termos quantitativos, esses sessenta anos correspondem a 80% dos programas de disciplinas analisados; em termos temporais, cerca de 85% do período total estudado; no que se refere ao corpo docente, cerca de vinte professores colaboraram com o conjunto de cadeiras e disciplinas, número equivalente a dois terços do total de docentes que passaram pelo grupo.

Não sendo nosso objetivo avançar numa compreensão do porquê dessa ausência, cabe-nos apenas constatar que o completo silêncio acerca da urbanização e do urbanismo árabes ou islâmicos durante tanto tempo é revelador de uma agenda de ensino que não tinha esses povos em seu horizonte, deixando em aberto a possibilidade de avançar nos estudos que esclareçam os motivos que levaram ao quadro e que motivaram uma virada somente em 2012.

### 3.2 A TÍMIDA PRESENÇA (2012-2022)

Somente em 2012 identificou-se a primeira menção ao Islã, no contexto da disciplina obrigatória AUHO236 – Estudos da Urbanização I. Na bibliografia básica da disciplina, menciona-se o texto “As cidades”, de Fernand Braudel (1995 [1967]), do qual extraímos o subcapítulo analisado na introdução do trabalho, no qual o autor discorre sobre a cidade islâmica. Além de ter sido o primeiro texto mobilizado pelas disciplinas tratando do tema, foi também dos mais perenes, mantendo-se na bibliografia obrigatória da disciplina AUHO236 desde então, mesmo após a mudança do nome e da ementa da disciplina, ocorrida em 2017, quando passou a se chamar AUHO236 – História da Urbanização e do Urbanismo I.

Na ocasião, o texto foi introduzido na disciplina pela professora Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno, tendo sido mantido nas bibliografias obrigatórias de seus programas pelas professoras Flávia Brito do Nascimento e Ana Claudia Scaglione Veiga de Castro em todos os outros treze oferecimentos da disciplina que foram registrados pela documentação seriada, até 2022. Ainda em 2012, o mesmo texto passou a integrar a bibliografia da disciplina obrigatória AUHO238 – Estudos da Urbanização II (posteriormente renomeada para AUHO238 – História da Urbanização e do Urbanismo II), mas não por muito tempo. Após outras quatro menções, entre 2013 e 2015, pelas professoras já mencionadas e por Suzana Pasternak, Renato Cymbalista, Jorge Bassani e Leandro Medrano,<sup>6</sup> o texto foi suprimido dos programas analisados da disciplina AUHO238.

Em paralelo às menções à bibliografia que trata de árabes e muçulmanos, buscou-se também identificar as aulas cujas temáticas tivessem relação com o assunto. Essas tiveram sua primeira aparição em 2013, também na disciplina AUHO236, quando ministrada pela professora Beatriz Bueno. Na ocasião, foram identificadas duas aulas de interesse: a aula “Urbanização na Idade Média: mudanças na rede urbana e suas consequências nos espaços intraurbanos”, identificada não por seu título, mas pela menção que o programa faz à

exibição do documentário “Veneza e o Islão” – realizado no âmbito de projetos expográficos do *Institut du Monde Arabe*, em Paris, e no *Metropolitan Museum of Art* (The Met) de Nova Iorque; e a aula “Herança portuguesa no mundo: as fortalezas, vilas e cidades do Império luso na África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico e Ásia”, com menção ao inventário produzido pela Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito do projeto Patrimônio de Influência Portuguesa no Mundo (HPIP), que debate a presença lusitana no mundo, com ênfase em preexistências nativas e protagonismo dos povos árabes e muçulmanos na Ásia, África, Mar Vermelho e Golfo Pérsico. Nota-se que até esse momento a cidade, urbanização e história árabes e islâmicas aparecem ainda no encontro a outros temas de aula, mas não de maneira independente, diferentemente do que ocorreu no mesmo ano numa disciplina optativa ministrada pelo professor Renato Cymbalista.

Com apenas um registro documental na série mobilizada, a disciplina AUHO243 – Cidade, Espaço e Religião avança na introdução de um outro conjunto bibliográfico para tratar da cidade islâmica, de autores como Al Sayyad & Massoumi (2011), Deffontaines (1948), Park (1994), Stump (2008) e Wheatley (2000). Interessante notar também que a aula que trata de cidade islâmica mencionada no programa parece não ter sido ministrada pelo docente, mas por um convidado externo, o sheik Jihad Hammadeh, que apresentou a palestra “Espaço e território no islamismo”. A disciplina, porém, não voltou a ser oferecida e tampouco a temática apresentada por Cymbalista voltou a ser incorporada nas disciplinas do GDUU nesses termos, configurando-se como um fato isolado. A bibliografia voltou a ser mobilizada uma única vez, em outra disciplina optativa oferecida pelo docente, AUHO247 – “Lugares de Memória e Consciência”, que, embora tenha sido oferecida diversas vezes, deu lugar à aula “Religião. Perseguições Religiosas. Memorializando o Holocausto judaico. Lugares sagrados em disputa. O Caminho de Abraão no Oriente Médio. Canudos. O Pátio do Colégio em São Paulo” somente

uma vez, em 2015. Foram mobilizados, na ocasião, também os autores Barbara Mann (2006) e Simon Goldhill (2008).

Ainda em 2013, Renato Cymbalista e Jorge Bassani oferecem a disciplina AUHO238 conjuntamente, na qual ministram as aulas "1250-1400: Rotas comerciais e a centralidade das redes urbanas árabe e asiática. A passagem da Idade Média para o Renascimento e a reconstrução da rede urbana na Europa" e "1400-1500: Cairo, Vijayanagar e a rede urbana chinesa. O primeiro Renascimento na Europa", sem que houvesse, porém, menção à bibliografia específica para os temas, exceto pelo já mencionado texto de Fernand Braudel sobre cidade islâmica, que se mantinha na bibliografia obrigatória da disciplina.

A incorporação de outros referenciais bibliográficos aconteceria somente em 2015, na disciplina AUHO238: Beatriz Bueno e Flávia Brito com o texto de John Freely (2011) e Ana Castro com a incorporação do clássico "Orientalismo", de Edward Said, ao qual já fizemos menção. Distingue-se, porém, o modo como cada texto foi incorporado: o de Freely como texto de seminário na aula "'Renascimentos' na perspectiva de uma história menos eurocêntrica", e o de Said na bibliografia obrigatória do curso.

O texto de Freely, que integra o livro "O Grande Turco: Sultão Mehmed II, conquistador de Constantinopla e senhor de um império", foi ainda mobilizado outras três vezes pelas mesmas docentes, mas na disciplina AUHO236, entre 2017 e 2018. Nas três ocorrências, o texto aparece vinculado diretamente à aula "A cidade islâmica e o mundo urbano a Oriente", com proposição de exercícios em sala de aula relacionando o texto a cartografia de época, enquanto o texto de Fernand Braudel segue somente na listagem de bibliografia geral do curso.

Assim como o texto de Braudel, o de Said foi recorrente nos programas das disciplinas obrigatórias AUHO236 e AUHO238, tendo sido listado na bibliografia obrigatória dessas disciplinas um total de dezessete vezes ao longo do período estudado, onze delas só nos programas das disciplinas oferecidas por Ana Castro – e as demais ocorrências compartilhadas entre Beatriz Bueno, Flávia Brito, Jorge Bassani e Leandro Medrano. O texto não foi, porém, relacionado à aula

alguma ao longo dos cursos. Acredita-se que o conteúdo mais teórico do texto, que não trata objetivamente do urbano ou de sua materialidade, possa ter mantido a obra apenas como pano de fundo para as discussões promovidas pelas disciplinas ao longo de suas aulas.

As menções a árabes e muçulmanos continuariam ainda sendo feitas nos contextos das disciplinas obrigatórias AUHO236 e AUHO238. No caso da AUHO236, a discussão que se cristaliza nos programas é a de problematização da noção de Idade Média que se configurou pela historiografia europeia, buscando incorporar o estudo da cidade islâmica como recurso de revisão historiográfica. Essa recorrência em praticamente todo o período analisado é acompanhada da manutenção de alguns textos – como o de Braudel – e a incorporação de outros – como os textos do livro organizado por Cardaillac (1992) sobre a cidade de Toledo, introduzido em 2017 em um programa da professora Ana Castro, associado à aula "Cidades e urbanização na Reconquista: Hibridismos nas fronteiras no território europeu", que mais tarde passou a integrar a discussão sobre a Idade Média, com a adesão também das professoras Beatriz Bueno e Flávia Brito.

Em 2021, houve uma justaposição, pela professora Beatriz Bueno, da problematização da Idade Média a partir do Islã com uma discussão sobre a mundialização e a presença árabe e muçulmana no Império Luso, numa aula intitulada "A Idade Média revisitada à luz do Islão e o Império Luso à luz dos encontros culturais, trocas e hibridismos. Heranças compartilhadas". Tema debatido por Beatriz Bueno desde 2010, no estudo do Império Luso a professora busca acentuar aspectos da mobilização ibérica, indiretamente introduzindo os árabes em meio aos tantos outros povos nativos genericamente alcunhados pelos portugueses como "gentios", conferindo-lhes protagonismo nos processos de escolhas dos assentamentos portugueses nas mais diversas latitudes onde estes ocorreram. Nesse contexto foram inseridos os DVDs da série "O mundo de cá", produzidos por Paulo Varella Gomes para a rede Rádio e Televisão de Portugal (RTP), versando sobre a Índia Portuguesa. Na ocasião da referida aula, apresentamos a palestra "A mobilização ibérica como

laboratório do mundo: urbanização e hibridismo no Estado da Índia Portuguesa”, com ênfase na contribuição árabe e muçulmana na conformação do Império Português. No mesmo ano, incluiu-se no plano de aulas da AUHO236 das professoras Ana Castro e Beatriz Bueno uma palestra da pesquisadora Lygia Rocco, intitulada “Arquitetura e Cidade Islâmica”, junto da qual foi mobilizado o texto da autora intitulado “Antiguidade Tardia e a islamização da paisagem” (ROCCO, 2019).

Paralelamente, na AUHO238, verifica-se em 2018 a incorporação de textos do livro “Istambul: Memória e Cidade”, de Orhan Pamuk (2007) e de Sibel Bozdogan (2001) associados à aula “Urbanização na era industrial: redes, imperialismos, massas”, nos programas de Beatriz Bueno e Flávia Brito. O texto de Pamuk e a temática voltam a ser mobilizados outras três vezes por Beatriz Bueno, entre 2019 e 2021, estabelecendo alguma continuidade. Durante estas quatro ocorrências, o texto de Said permaneceu na bibliografia geral da disciplina.

Em meio a esse percurso relatado para as disciplinas obrigatórias, identifica-se também na disciplina optativa AUHO249 – Áreas Urbanas Centrais e Cidades Históricas: temas de patrimônio urbano, ministrada por Flávia Brito em 2020, a aula “Mundialização do patrimônio e o patrimônio da UNESCO 1: As cidades patrimônio mundial no espelho global. Turismo, visibilidade e comércio”, que tem como objeto de estudo a cidade de Aleppo, na Síria. Para tanto, a docente mobiliza um texto de Lynn Meskell (2018), conforme consta no plano de aula. Enquanto disciplina optativa, deve-se considerar que seu alcance é significativamente menor do que o das disciplinas obrigatórias, mas ainda assim oferece uma visada importante (a patrimonial) sobre as cidades árabes e islâmicas, enriquecendo em muito a formação dos egressos da escola.

Percebe-se, pelo percurso através da documentação, que a discussão sobre a cidade e a urbanização árabe ou islâmica acontece de maneira marginal nas disciplinas do GDUU. As poucas e recentes menções, que ocupam uma parcela ínfima do total de aulas ministradas e bibliografia listada, atestam o quadro. Ademais, a circunscrição do tema às

disciplinas obrigatórias AUHO236 e AUHO238, exatamente no arco temporal anterior à consolidação do Urbanismo como um campo disciplinar autodenominado científico, parece sintomático de uma visão de árabes e muçulmanos contribuintes somente com o passado do campo, enquanto o tempo recente parece privado a esses povos. Por outro lado, enquanto a AUHO240 – História da Urbanização e do Urbanismo III não reconhece em seus programas a temática aqui perseguida, as optativas tiveram papel fundamental no apontamento da atualidade do tema, seja nas discussões sobre religião e a sua relação com o espaço urbano, como ocorreu na AUHO243, seja nas discussões de memória e patrimônio, promovidas pela AUHO247 e pela AUHO249, ministradas por Renato Cymbalista e Flávia Brito, respectivamente.

Pode-se dizer, por fim, que a menção a árabes e muçulmanos de fato pôde ser identificada na documentação de disciplinas do GDUU entre 2012 e 2022, mas tal presença não é generalizada, tampouco parece estar plenamente consolidada, exigindo ainda esforços para que estes e outros povos esquecidos e invisibilizados por uma historiografia eurocêntrica se façam verdadeiramente presentes no ensino de Arquitetura e Urbanismo.

#### **4. ALGUMAS CIDADES ISLÂMICAS QUE ENCONTRAMOS**

Se a seção anterior se debruça sobre a identificação às menções de árabes e muçulmanos no conjunto de ementas e programas de disciplinas do GDUU ao longo da história da FAUUSP, esta é dedicada a compreender, nessas menções, quais fatos históricos desses povos podem ter sido veiculados no contexto das disciplinas por meio dos materiais didáticos mobilizados, nomeadamente os referenciais bibliográficos.

Para tanto, buscamos selecionar os textos que se mostraram, a partir do conjunto documental analisado, mais recorrentes nas bibliografias das disciplinas e/ou mais diretamente vinculados às aulas ministradas nos cursos. Optou-se, ainda, por circunscrever tal recorte às disciplinas obrigatórias, nas quais o alcance é mais extenso no contexto de formação de estudantes da FAUUSP, enquanto as poucas

optativas que trataram da urbanização ou das cidades árabes e islâmicas acabaram por acessar um número bastante menor de arquitetas, arquitetos e urbanistas em formação. Chegamos, então, aos seguintes autores para análise: Braudel (1970), Cardaillac (1992), Freely (2011), Pamuk (2007) e Rocco (2019).

#### 4.1 A ROMÃ DE BRAUDEL

Apresentamos na introdução nossas impressões mais pertinentes ao capítulo "As cidades" do clássico "Civilização material, economia e capitalismo: séculos xv – xvii". As estruturas do cotidiano, de Fernand Braudel (1970, p.404-474),<sup>7</sup> circunscrevem a discussão ao subcapítulo em que o autor discorre sobre a cidade islâmica. Há que se reconhecer, entretanto, que o subcapítulo é uma parte diminuta de um capítulo muito maior, sobre o qual fazemos questão de dar um breve panorama ao leitor, de modo a melhor enquadrar as questões que o texto suscitou e que motivaram este estudo.<sup>8</sup>

O historiador dá início ao capítulo sob o subtítulo "A cidade em si", buscando definições mínimas do que seria uma cidade, uma espécie de linguagem material comum do que se pode classificar sob esta definição. Dentre os elementos elencados pelo autor estão: os números de população; a divisão de trabalho; a relação cidade-campo; a capacidade de atrair homens vindos do estrangeiro; o desejo por se reservar e se distinguir em relação ao espaço externo a ela; a existência de caracteres comuns que o autor elenca como geografia urbana; e, finalmente, a relação entre cidades e civilizações, onde usa o caso do Islã como exemplo.

Concluindo a primeira parte do texto no difícil equilíbrio entre a descrição generalista das cidades islâmicas e a comparação do casario com um exótico fruto do Oriente (a romã), Braudel inicia a segunda parte do capítulo, intitulada "A originalidade das cidades do Ocidente", com elogios às especificidades das cidades europeias, destacando elementos como a liberdade, a modernidade, a forma urbana e os modelos de cidade. Finalmente, na terceira parte, o autor volta a fazer as contraposições entre Oriente e Ocidente, numa vista

panorâmica de diversos casos elencados para discutir "As grandes cidades".

Se há um traço comum, constantemente enfatizado nas três partes do capítulo, é a dicotomia perseguida por Braudel entre Ocidente e Oriente. Há, é claro, considerações da maior importância em todo o texto, produzido com rigor e visão de conjunto que são características comuns ao conjunto da obra de Braudel, mas a insistência em dividir o mundo entre Oriente e Ocidente, numa estanqueidade que parece não ter encontrado permeabilidade alguma, senão pelo olhar sobre o outro com desconfiança, gera algum desconforto na visão contemporânea. Nesse espírito, com muita facilidade nos distraímos do conteúdo do texto em si, e a maestria do historiador parece se perder sob um emaranhado de imagens que alimentam um modo de dividir o mundo que talvez tenha funcionado no passado, mas que tem sido atualmente intensamente tensionado pelos estudos históricos.

#### 4.2 AS MÚLTIPLAS VISTAS SOBRE TOLEDO EM CARDAILLAC

Especialista nas relações entre a Espanha e o Islã, o historiador Louis Cardaillac apresenta em seu livro "Toledo, Séculos XII-XIII: muçulmanos, cristãos e judeus, o saber e a tolerância" uma coletânea de estudos de diversos autores que exploram Toledo durante o período de transição entre a ocupação muçulmana e a Reconquista da Península Ibérica pelos reinos cristãos. Quatro textos dessa obra, que exploram a morfologia urbana de Toledo, são selecionados para o curso AUH0236 e recomendados para a leitura dos estudantes como preparação para aulas expositivas e atividades com cartografia.

O primeiro texto, de Julio Porres de Mateo e Dolores de Paz Escribano, "Trinta mil habitantes, uma cidade-fronteira", situa Toledo como uma fronteira em dois sentidos: a expansão cristã nos territórios islâmicos em Al-Andalus e como ponto de encontro entre dois momentos históricos na Península Ibérica. O segundo texto, de Geneviève Barbé Coquelin de Lisle, "Da grande mesquita à catedral gótica", busca entender Toledo através da transformação da antiga mesquita em catedral, destacando a dimensão simbólica da transformação urbana em relação ao

poder e à representação. O capítulo seguinte, da mesma autora, "A arquitetura mudéjar acima das três religiões", argumenta que a arquitetura mudéjar testemunha a simbiose cultural em Toledo, transcendendo diferenças religiosas.

O capítulo final, "Um passeio pela Toledo medieval", de Julio Mateo e Dolores Escribano, foca na forma urbana da cidade, destacando suas características muçulmanas. Apesar de uma estrutura de datação frágil, os autores ressaltam a natureza plural de Toledo, a intensa troca entre diferentes comunidades religiosas e os esforços para transformar a paisagem urbana. Eles descrevem vividamente a cidade do ponto de vista pedestre, detalhando a arquitetura mudéjar, bairros, mercados, a judiaria, a ponte, portões e muralhas. Os autores retratam uma cidade vibrante, não apenas em forma, mas também em seus diversos usos.

Em suma, a coletânea de estudos de Cardaillac nos oferece vistas diversas sobre a cidade de Toledo, numa alternância de perspectivas conforme diferentes autores observam a cidade a partir de diferentes enquadramentos. Ainda que com suas deficiências pontuais, tal pluralidade se faz bem-vinda na medida em que permite discussões historiográficas que enriquecem o cotidiano da sala de aula.

#### 4.3 UMA ISTAMBUL MONUMENTAL EM FREELY

Nascido nos Estados Unidos, John Freely formou-se entre a Universidade de Nova Iorque e a Universidade de Oxford, antes de iniciar a sua carreira docente em Istambul, na Universidade do Bósforo. Dedicando seu livro "O Grande Turco" (2011) ao registro da vida e dos feitos do sultão Mehmed II, constrói uma biografia permeada por diversos temas, dentre os quais está o capítulo "A cidade do Conquistador" (2011, p.266-281), acerca da cidade de Istambul.

Para o autor, a cidade de Istambul do tempo de Mehmed II ainda está presente nos dias de hoje através das diversas intervenções promovidas pelo sultão em seu tempo e que continuam existindo e desempenhando funções na cidade atual (FREELY, 2011, p.266). O autor segue praticamente o restante do texto em busca de identificar todos esses elementos que subsistem da cidade do Conquistador,

percorrendo a arquitetura militar, religiosa e civil. Pode-se dizer que é um texto que enfoca a cidade a partir de sua arquitetura, sem que haja pretensão de fazer grandes aprofundamentos sobre os usos da cidade, tomando-se, assim, os marcos arquitetônicos como reveladores da forma urbana.

Enquanto inventário dessa arquitetura, e dada a objetividade do autor na defesa da tese apresentada de início, o texto possui seus méritos. Se por um lado, observado de maneira isolada, o enquadramento de Freely tende a esvaziar a cultura material de sua apropriação pelo homem, por outro, oferece uma visada eficiente enquanto identificação dos elementos da cultura material que permitem inferir a forma da cidade. Ademais, é fundamental reconhecer que o texto é mobilizado como instrumento pedagógico para a realização de exercícios de espacialização em cartografia de época (assim como ocorre com os textos selecionados do livro organizado por Cardaillac), cumprindo papel fundamental na formação dos estudantes em associação a aulas expositivas e a material cartográfico. Assim, no que o autor pode ter pecado no esvaziamento do entendimento da vida urbana ao longo do capítulo, a prática pedagógica que opera o texto parece ter encontrado formas de torná-lo pertinente ao estudo da urbanização.

#### 4.4 UMA ISTAMBUL SUBLIME EM PAMUK

O romancista Orhan Pamuk é um dos mais prestigiados escritores turcos da atualidade, reconhecimento expresso no Nobel de Literatura que recebeu em 2006. Em seu livro "Istambul: memória e cidade" (2007), Pamuk constrói uma narrativa autobiográfica cujo cenário é uma Istambul entre os limites de um glorioso passado imperial e um melancólico presente pós-ocidentalização.

O primeiro capítulo, indicado para leitura na disciplina AUNO238 – História da Urbanização e do Urbanismo II, intitula-se "Explorando o Bósforo" (Pamuk, 2007, p.57-71), e descreve os passeios ao Bósforo que o autor compartilhava com seu irmão e sua mãe durante a infância, dos quais ele resgata características materiais do ambiente para relatar sentimentos com riqueza de detalhes. O Bósforo assume, nas palavras sensíveis de Pamuk, uma materialização do sentimento melancólico

pelo qual são tomados os habitantes de Istambul, que se equilibram entre o orgulho de um passado glorioso da capital do grande Império Otomano e o sentimento de luto pelo estabelecimento da República e ocidentalização da cidade.

No capítulo "As paisagens do Bósforo por Melling" (PAMUK, 2007, p.72-84), também indicado para leitura pela disciplina, o autor parte dos sentimentos múltiplos pela glória e posterior ruína do Império, mas dessa vez para comentar as pinturas do Bósforo produzidas pelo artista alemão de ascendência franco-italiana Antoine-Ignace Melling, no início do século XIX.

Pamuk assume uma postura bastante elogiosa ao conjunto de pinturas que analisa, destacando as qualidades de verossimilhança, precisão e detalhe no registro de um Bósforo esplendoroso. Trata-se, sem rodeios, de um elogio à própria Istambul, captada pelos olhos de Mellin e reproduzida nas pinturas que deslumbram Pamuk. A cada passagem, o autor persegue este passado Otomano que é simultaneamente (e paradoxalmente) tão distante e tão próximo em Istambul, na medida em que não poupa elogios ao trabalho do pintor que conferiu à cidade nada menos do que a "beleza sublime" (PAMUK, 2007, p.84).

#### 4.5 O AVESSE DA ROMÃ EM LYGIA ROCCO

Arquiteta e urbanista, mestre em Língua, Literatura e Cultura Árabe e doutora em Estudos Judaicos e Árabes pela Universidade de São Paulo, Lygia Ferreira Rocco buscou trilhar seu percurso acadêmico em diálogo com diversas áreas do conhecimento. Com essa perspectiva interdisciplinar, hoje é pesquisadora associada do Laboratório de Arqueologia Romana e Provincial no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, onde tem se dedicado ao estudo da paisagem e sua conformação em relação com a islamização.

Em seu texto "Antiguidade Tardia e islamização da paisagem", publicado no número 32 da Revista do MAE (2019), a autora busca problematizar os estudos sobre a chamada Idade Média tal como eles são em geral orientados, à luz da história do cristianismo. Mobilizando

os estudos sobre o Islã, que, conforme afirma, costuma ser apartado da história do medievo, como se ele não tivesse feito parte dos processos que tomaram curso no período, a pesquisadora caminha numa direção semelhante àquela que vem sendo perseguida há pelo menos uma década pela professora Beatriz Bueno na disciplina AUHO236 – História da Urbanização e do Urbanismo I.

Além da discussão historiográfica do conceito de Idade Média e de sua ineficácia para tratar da história islâmica, Rocco se dedica a apresentar o processo que ela denomina como "islamização da paisagem", que consiste na transformação de paisagens promovida pelo processo de islamização e mesmo pela arabização (pensado como o processo de difusão da língua árabe). A partir dos estudos arqueológicos, a pesquisadora enfatiza o caráter plural desse processo, que encontrava, por um lado, uma unidade da religião e da língua, que promovia um fluxo intenso de pessoas, e por outro, a enorme diversidade das regiões alcançadas pela islamização e a arabização. A interação entre a unidade e a diversidade resultou em transformações importantes em cada região, sem que houvesse, entretanto, rupturas profundas, gerando uma vasta extensão geográfica islamizada em franco contato sem implicar uma homogeneidade absoluta da cultura material. Neste ponto, parece propor uma visão divergente daquela proposta por Braudel para pensar a relação entre cidades e civilização.

## 5. PARA ONDE IR, AFINAL?

Poderíamos seguir analisando outros autores que presentes nas bibliografias de disciplinas do GDUU, em vias de ampliar a compreensão sobre os fatos históricos (ou, ampliando as noções de Prost para outras disciplinas, os fatos literários, fatos arqueológicos) que foram veiculados através da produção especializada mobilizada pelos docentes para pensar a urbanização árabe e islâmica no contexto da FAUUSP. Para fins deste estudo, acreditamos que a amostra selecionada seja suficiente para notarmos que cada um desses trabalhos, bem como outros que possam ter sido mobilizados pelos

docentes, possuem suas limitações. Não se entende aqui limitação como falha, erro ou ausência de qualidades, mas sim como o reconhecimento de que cada texto apresentado possui perguntas e perspectivas próprias para enquadrar a urbanização árabe e islâmica, bem como árabes e muçulmanos em si, incorrendo num certo limite de análise possível – aliás, podemos dizer que, com exceção de Rocco, nenhum se propôs a estudar de fato a urbanização, mas sim as cidades islâmicas.

Isso significa que devemos abrir mão da bibliografia especializada, a fim de evitar vistas parciais ou fatos históricos enviesados em sala de aula? Acreditamos que não. A partir desses estudos, mobilizados de maneira consciente pelos estudantes (sob a orientação cuidadosa dos docentes) e em conjunto com outros estudos ou materiais didáticos, tais como a já mencionada cartografia, pode-se tirar proveito da bibliografia em vias de torná-la não só operacional, mas sobretudo desejável em sala de aula. Lembremos que foram as dúvidas suscitadas pelo texto de Fernand Braudel levaram à pesquisa deste artigo, demonstrando o caráter formativo que essa bibliografia pode propiciar se analisada de maneira crítica. Na FAUUSP, acreditamos, os docentes têm trabalhado na desnaturalização dos fatos apresentados pelos autores, seja nas aulas expositivas, seja nos exercícios propostos aos estudantes, e destacar a essencialidade dessa postura se faz necessário – inclusive, para deixar clara nossa posição.

Se apontamos para a marginalidade dos muçulmanos no conjunto de disciplinas analisadas, não se pode deixar de mencionar a flagrante ausência dos árabes. É verdade que em textos como os reunidos por Cardaillac e o de Rocco, esses são em grande parte devotos do Islã (isto é, muçulmanos), mas há distinções entre as duas designações que mereceriam esclarecimentos mais expressivos ao longo da bibliografia analisada.<sup>9</sup> Afinal, há árabes muçulmanos, árabes não muçulmanos, muçulmanos não árabes, árabes cristãos, árabes budistas... dentre tantos outros.

Detalhar essas e outras caracterizações acerca desses povos seria um passo

importante para a formação de arquitetas, arquitetos e urbanistas com uma visão de mundo alargada. Os estudos históricos podem fornecer modos de se pensar relações entre humanos, e destes com o espaço, que distem da generalização, dos apagamentos e da invisibilização de culturas. Apesar da posição coadjuvante (quando não antagônica) à qual foram relegadas por uma historiografia ocidental, essas culturas sempre tiveram – e ainda têm – muito a contribuir com a construção de um futuro comum, de respeito e trocas férteis.

---

## NOTAS

1. Há uma certa estanqueidade nesta formulação, que poderia facilmente ser tensionada a partir de experiências efetivas de sala de aula (como, por exemplo, aquelas estabelecidas numa perspectiva freiriana), mas o arranjo é operacional para o presente estudo.
2. Havia escolas de arquitetura, ainda que poucas, tais como a Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, fundada em 1930 como a primeira escola de arquitetura da América Latina desvinculada das escolas de Belas Artes e escolas Politécnicas (OLIVEIRA; PERPÉTUO, 2005), e a Faculdade de Arquitetura do Mackenzie College, com a desvinculação do Curso de Arquitetura da Escola de Engenharia (também do Mackenzie College), fundado em 1917 (ALVIM et al., 2017).
3. AUHO236, AUHO238 e AUHO240, História da Urbanização e do Urbanismo I, II e III (respectivamente), oferecidas pelo Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto (AUH).
4. Uma descrição detalhada dos procedimentos adotados e uma síntese dos documentos de maior relevância são apresentadas em Silva (2022, p.156-198).
5. Evidentemente que a inclusão de outras fontes e outras perguntas poderiam gerar alterações nos resultados aqui apresentados, mas por ora vale reconhecer que a qualidade do conjunto documental mobilizado nos permite construir um panorama satisfatório para nossos objetivos.
6. O desequilíbrio entre o número de oferecimentos e o número de professores se explica pelo compartilhamento de um mesmo programa por grupos de docentes, que não raro ministravam as aulas conjuntamente.
7. Note-se que utilizamos a edição portuguesa de 1970 para o nosso estudo, dada a indisponibilidade da edição brasileira de 1995 na biblioteca acessada.
8. Reconhecendo, ainda, que há uma obra extensa e complexa na qual o capítulo em discussão se insere, mas que, para o escopo aqui definido, optamos por não adentrar.
9. Conforme explica Miguel Attie Filho (2016, p.35-40), a definição de “muçulmano” pode ser simplificada como aquele que encontra no Islã sua religião, fé e prática cotidiana de devoção. Já a distinção em relação ao termo “islâmico” é explicada pelo autor: “islâmico” geralmente refere-se às ideias e ideais contidos no Islã, enquanto “muçulmano” é mais frequentemente aplicado à pessoa concreta que pratica esses ideais. O termo “árabe”, em sua denotação mais antiga, refere-se aos beduínos e à população nômade do deserto da Arábia, em contraste com a população sedentária das cidades. Com a expansão do Islã e da língua árabe para outras regiões, o significado de “árabe” migrou em direção a uma conotação mais próxima tanto do conceito religioso quanto do linguístico, uma definição mais alinhada com a compreensão contemporânea.

---

## REFERÊNCIAS

- AL SAYYAD, Nizar; MASSOUMI, Mejan (ed.). **The fundamentalist city: religiosity and the remaking of urban space**. New York: Routledge, 2011.
- ALVIM, A.T.B.; ABASCAL, E.H.S.; ABRUNHOSA, E.C. (org.). **Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2017. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/xrrzx>. Acesso em: nov. 2022.
- ATTIE FILHO, Miguel. **Falsafa: a filosofia entre os árabes**. 2. ed. São Paulo: Attie Produções, 2016.
- BOZDOGAN, Sibel. **Modernism and Nation Building**. Turkish architectural culture in the early republic. Seattle; London: University of Washington Press, 2001.
- BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV–XVII**. As estruturas do cotidiano (capítulo 8 – As cidades). Lisboa; Rio de Janeiro: Edições Cosmo, 1970.
- CARDAILLAC, Louis (org.). **Toledo, séculos XII–XIII**. Muçulmanos, cristãos e judeus: o saber e a tolerância. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- DEFFONTAINES, Pierre. **Geographie et religions**. Paris: Gallimard, 1948.
- FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto (AUH). **Ementas e programas do Grupo de Disciplinas de Urbanização e Urbanismo (Série documental digital)**. São Paulo: FAUUSP; AUH, 1952-2022. 284 documentos.
- FREELY, John. **O grande turco**. Tradução de Adriana de Oliveira. São Paulo: Grua, 2011.
- GOLDHILL, Simon. **Jerusalem, city of longing**. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2008.
- MESKELL, Lynn. Conflict. In: MESKELL, Lynn. **A future in ruins**. Unesco, world heritage, and the dream of peace. Oxford: Oxford University Press, 2018, p.143-171.
- OLIVEIRA, Cléo Alves Pinto de; PERPÉTUO, Maini de Oliveira. O ensino na primeira escola de arquitetura do Brasil. **Vitruvius: Arqtextos**, ano 06, nov. 2005. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/06.066/408>.
- PAMUK, Orhan. Explorando o Bósforo e As paisagens do Bósforo por Melling. In: PAMUK, Orhan. **Istambul: Memória e Cidade**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007, p.57- 84.
- PARK, Chris. **Sacred worlds: an introduction to geography and religion**. London: Routledge, 1994.
- PROST, A. **Doze lições sobre a História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- REIS, Nestor Goulart. **Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil (1500/1720)**. 2. ed. São Paulo: Pini, 2001.
- REIS, Nestor Goulart. Notas sobre a evolução dos estudos de história da urbanização e do urbanismo no Brasil. **Cadernos de pesquisa do LAP**, n.29. São Paulo: FAU-USP, 1999.
- REIS, Nestor Goulart. **Urbanização e teoria: contribuição ao estudo das perspectivas atuais para o conhecimento dos fenômenos de urbanização**. Tese de Cátedra, FAU-USP, 1967. [edição fac-símile, FAU-USP, 2006]
- ROCCO, Lygia. Antiguidade Tardia e a islamização da paisagem. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n.32, 2019, p.143-150.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução de Rosaura Eichenberg. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SILVA, Allan Pedro dos Santos. **A medina e a romã: reflexões para o ensino de história da urbanização**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: [https://repositorio.usp.br/directbitstream/c4b791b9-4cc8-46d7-b216-1320dfc6d93a/TFG\\_2022\\_1\\_Allan\\_Silva.pdf](https://repositorio.usp.br/directbitstream/c4b791b9-4cc8-46d7-b216-1320dfc6d93a/TFG_2022_1_Allan_Silva.pdf). Acesso em: 28 dez. 2023.

---

## SOBRE O AUTOR

Allan Pedro dos Santos Silva é Arquiteto e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e Mestrando em Arquitetura e Urbanismo. [allanpedro@usp.br](mailto:allanpedro@usp.br)